AFRICANOS E O MUNDO DO FERRO EM MINAS GERAIS: ORIGENS, CIRCULAÇÃO DE SABERES E SIGNIFICADOS DA METALURGIA (DÉCADA DE 1750)

Palavras-Chave: DIÁSPORA AFRICANA; METALURGIA; COSMOVISÃO

Autores/as:
FELIPE KERRY DE FREITAS CUNHA, IFCH, UNICAMP
Prof. Dr. ALDAIR CARLOS RODRIGUES (orientador), IFCH, UNICAMP

INTRODUÇÃO:

A presente pesquisa tem como ponto de partida o acúmulo de estudos que destacam o protagonismo de africanos e seus descendentes nas práticas de metalurgia no Brasil, com foco no contexto de Minas Gerais em meados da segunda metade do século XVIII. Busca-se compreender como os saberes técnicos e simbólicos da metalurgia africana foram apropriados e ressignificados no contexto colonial mineiro, em meio às estruturas repressivas da escravidão e na crescente necessidade de ferro. Por meio da análise documental com destaque para as *Cartas de Exame de Ofício da Câmara de Ouro Preto*, o "*Sumário contra o Culto ao Deus da Terra de Courá e dança de Tundá"* e o *"Mapa da expedição de 1769 de Ignacio Correya Pamplona"*, o estudo propõe interpretar o ferro e a ferraria não apenas como produtos de uma atividade técnica, mas como elementos carregados de significados culturais e cosmológicos que tem suas histórias entrelaçadas entre Brasil e África.

Inspirado por autores como Crislayne Alfagali, que analisa a atuação dos artesãos do ferro em Vila Rica e Mariana, e por Juliana Ribeiro da Silva, que discute o papel dos ferreiros e do mito do "rei-ferreiro" na África Central, o projeto dialoga com uma historiografia que reconhece os africanos como sujeitos detentores de conhecimentos e práticas complexas e não apenas como força de trabalho bruta. Ademais, colabora com a ideia que os saberes metalúrgicos, ao serem transpostos para o Brasil, foram inseridos em um processo de "bricolagem etnogênica", conforme discutido por Symanski e Gomes, revelando estratégias de resistência cultural e

preservação de cosmologias africanas, inclusive nas senzalas e quilombos.

Além disso, relatos como o de Luís Antônio de Sousa sobre o domínio técnico de um ferreiro africano nas minas de Ipanema reforçam a hipótese de que esses sujeitos já traziam consigo conhecimentos técnicos adquiridos em suas regiões de origem, como Angola, Mina e Benguela. A escória de ferro encontrada em senzalas, analisada por Symanski , também sugere a existência de práticas ritualísticas ligadas à manipulação do ferro reforçando o entendimento do ferro como elemento cosmológico de poder, conforme discutido por Eugenia Herbert.

Através desse enfoque, buscou-se deslocar a análise do ferreiro africano para além do registro meramente burocrático das Cartas de Exame, abrindo caminho para uma compreensão mais ampla dos saberes técnicos e espirituais envolvidos. A pesquisa também considerou o papel das práticas religiosas africanas reprimidas pela Inquisição, com base em fontes como os *Cadernos do Promotor da Inquisição de Lisboa* (ANTT, Livro 313), nos quais foram descritos artefatos de ferro utilizados em rituais, evidenciando a permanência simbólica e estética desses saberes em solo mineiro (Rodrigues & Maia, 2023).

Assim, a investigação integrou abordagens historiográficas, arqueológicas e documentais com o intuito de compreender como os saberes sobre o ferro enquanto material e símbolo foram expressos frente aos desafios impostos pelo sistema escravista no contexto colonial da capitania de Minas Gerais.

METODOLOGIA:

Entre as metodologias utilizadas ao longo da investigação, a observação e a interpretação de fontes diversificadas destacaram-se como o principal meio de fundamentação. Os registros analisados incluem documentos coloniais, registros inquisitoriais e achados arqueológicos, que foram utilizados em diálogo com a historiografia especializada para a construção de inferências mais amplas sobre a reelaboração dos saberes metalúrgicos africanos no contexto escravista da capitania de Minas Gerais, no século XVIII. A partir da análise das Cartas de Exame de Ofício sobre ferreiros africanos e afrodescendentes, objetiva-se compreender como seus conhecimentos técnicos, cosmológicos e sociais foram mantidos, adaptados ou silenciados no interior da ordem colonial.

Durante o desenvolvimento da pesquisa privilegiou-se a interpretação dos significados simbólicos, culturais e sociais do ferro e da prática da ferraria, recorrendo à diversificação dos contextos abordados. O foco da análise está centrado nas dimensões subjetivas e

históricas dos sujeitos envolvidos, buscando apreender, por meio da cultura material e da documentação oficial, as formas de agência e resistência presentes nas ações de ferreiros escravizados ou libertos. Tal abordagem é compatível com os objetivos da pesquisa, ao considerar os sentidos múltiplos atribuídos ao ferro em distintas cosmologias africanas e suas possíveis reelaborações em território colonial.

A pesquisa foi conduzida com o intuito de examinar um campo de estudo ainda em desenvolvimento: a atuação de africanos na metalurgia durante o período colonial brasileiro, em particular sua relação com práticas religiosas e cosmológicas. Buscou-se identificar e compreender os perfis sociais dos ferreiros documentados, os sentidos atribuídos ao ferro e aos objetos produzidos, bem como os vínculos entre origem étnica, especialização técnica e estratégias de resistência cultural.

O estudo baseou-se em diálogos entre referências teóricas consolidadas na historiografia e na antropologia e um conjunto de documentos históricos produzidos no século XVIII. Entre as principais fontes analisadas estão as Cartas de Exame de Ofício da Câmara Municipal de Ouro Preto (Códices 58 e 66), os mapas elaborados por Inácio Correia de Pamplona em 1769 no contexto da repressão aos mocambos (Coleção Ottoni, Biblioteca Nacional), e os Cadernos do Promotor da Inquisição de Lisboa (Livro 313, Arquivo Nacional da Torre do Tombo). Essas fontes foram examinadas buscando padrões de recorrência, lacunas, vocabulário técnico e menções simbólicas que indicassem as formas de manipulação e os significados do ferro na experiência da diáspora africana.

Além das fontes documentais, a pesquisa se apoia em um conjunto de obras bibliográficas fundamentais para a construção do referencial teórico, como os trabalhos de Alfagali (2012), Silva (2008), Symanski e Gomes (2016), Herbert (1993) e Rodrigues (2023), que discutem a prática da metalurgia tanto no contexto africano quanto no colonial. Também foram utilizadas fontes eletrônicas acessadas por meio dos acervos digitais da Biblioteca Nacional, do Arquivo Público Mineiro e do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, onde estão disponíveis documentos em formato digital que subsidiaram a investigação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Os resultados da pesquisa revelaram como os saberes metalúrgicos de africanos e seus descendentes estiveram fortemente condicionados pelas dinâmicas institucionais do mundo escravista mineiro, ao mesmo tempo em que mantinham traços de cosmologias africanas. As Cartas de Exame de Ofício da Câmara de Ouro Preto mostraram-se como instrumentos do controle colonial sobre o conhecimento técnico dos ferreiros. Os

registros evidenciam que a maioria dos indivíduos escravizados atuava sob a tutela de mestres ferreiros e aprendia o ofício em relações assimétricas. Apenas uma parcela bastante restrita obtinha a carta que atestava formalmente sua aptidão o que revela o papel da institucionalidade escravista na regulação e legitimação desses saberes. Ainda assim, o domínio técnico desses sujeitos era reconhecido localmente e, em muitos casos, transmitido por outras vias que escapavam aos registros oficiais.

A análise dos mapas produzidos por Inácio Correia de Pamplona durante a expedição de 1769, em cruzamento com a historiografia especializada e as leituras arqueológicas disponíveis, revelou que muitos dos mocambos identificados apresentavam uma estrutura interna semelhante à de vilarejos centro-africanos, com a presença de forjas, áreas de moradia coletiva e organização espacial com traços comunitários. Essa disposição, embora localizada em território mineiro e sob outra lógica de ocupação, sugere a adaptação de referenciais culturais africanos, sobretudo de origem centro-ocidental, como indicam autores como Silva (2008) e Alfagali (2012). A presença da ferraria como um ponto estruturante no espaço mocambeiro reforça a ideia de que a prática metalúrgica carregava consigo mais do que uma função produtiva era também articuladora de uma forma de vida coletiva.

Do ponto de vista simbólico, os resultados se adensam com a análise do Sumário contra o culto ao Deus da Terra de Courá e dança de Tundá, em que são mencionados instrumentos de ferro utilizados em rituais religiosos. Esses objetos, ainda que descontextualizados pelas autoridades inquisitoriais, guardam paralelos significativos com as práticas espirituais documentadas em regiões da África Ocidental, onde o ferro possui forte carga simbólica ligada ao poder ancestral, à fertilidade e à mediação espiritual, como discutido por Herbert (1993) e Ribeiro da Silva (2008). No contexto mineiro, esses elementos não foram reproduzidos integralmente como nas práticas rituais africanas, mas foram reelaborados em novos usos, mantendo uma lógica interna coerente com suas origens cosmológicas.

CONCLUSÕES:

A pesquisa demonstrou que a presença de africanos e seus descendentes nas práticas de metalurgia no século XVIII mineiro transcende o papel mecânico de mão de obra especializada. Ao analisar documentos como cartas de ofício, bem como mapas coloniais, foi possível identificar indícios de que o saber metalúrgico africano foi reelaborado no Brasil em diálogo com o contexto escravista, mas

mantendo traços significativos de suas origens culturais e cosmológicas possivelmente mesclando conhecimentos de populações originadas na áfrica centro-ocidental e ocidental.

Evidências como a localização de forjas em quilombos e a presença de artefatos metálicos em contextos rituais apontam para a continuidade de práticas espirituais ligadas ao ferro e à sua manipulação. Portanto, ao integrar abordagens historiográficas e arqueológicas, a pesquisa contribuiu para uma compreensão mais complexa das formas de resistência e agência dos africanos na diáspora, propondo uma releitura da ferraria como espaço de poder, memória e invenção cultural. O ferro, longe de ser apenas um insumo econômico, revelou-se como signo de identidade e espiritualidade, cujas reverberações atravessaram as estruturas do mundo escravista.

BIBLIOGRAFIA

ALFAGALI, Crislayne Gloss Marão. **Em casa de ferreiro pior apeiro: os artesãos do ferro em Vila Rica e Mariana no século XVIII.** Campinas: UNICAMP, 2012.

DA LUZ OLIVEIRA, Franciely. **Forjando “Máquina Grande" nos sertões do Atlântico: dimensões centro-africanas na história da exploração das minas de Ipanema.** Tese (Doutorado). UNICAMP, 2020.

GILROY, Paul. **O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência.** São Paulo: Editora 34, 2001.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais.** Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HERBERT, Eugenia W. **Iron, gender, and power: rituals of transformation in African societies.** Indiana University Press, 1993.

RODRIGUES, Aldair; MAIA, Moacir. **Sacerdotisas Voduns e Rainhas do Rosário: mulheres africanas e Inquisição em Minas Gerais (século XVIII).** São Paulo: Chão Editora, 2023.

RODRIGUES, Aldair. **The Militarization of the Persecution of African Religions and the Demonization of Vodun Cults in Eighteenth-Century Minas Gerais**, Brazil. Journal of Africana Religions, v. 9, n. 2, p. 137–164, 2021.

SILVA, Juliana Ribeiro da. **Homens de ferro: os ferreiros na África central no século XIX.** São Paulo: USP, 2008.

SYMANSKI, Luís Cláudio P.; GOMES, Flávio dos Santos. **Iron cosmology, slavery, and social control: the materiality of rebellion in the coffee plantations of the Paraíba Valley.** Journal of African Diaspora Archaeology and Heritage, v. 5, n. 2, p. 174–197, 2016.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), Inquisição de Lisboa, Livro 313 e Processo 1551.
Arquivo Público Mineiro (APM), Câmara Municipal de Ouro Preto, Códices 58 e 66.